

# **2<sup>a</sup> Parte**

---

**Poesia**

# Balada dos 50 Anos

*Juarez Leitão*

Lá estava o homem espalhado  
Sobre o delírio do dia  
Se dormia, se rezava...  
- Como se pode saber?

Tinha uma nuvem na frente  
E um catavento no olhar  
E era chuva e chovia  
E era rio e escorria  
Para o começo das coisas.

Eu vi o homem e o homem  
Era uma roça semeada  
Uma gleba, um território  
Uma antiga sesmaria.  
O homem tinha uma estrada  
E uma casa sobre o alto  
E uma cancela e uma vaca  
E um pé de sonhos florindo.

Era, às vezes, um menino  
Tangendo uns carneiros verdes  
Ou um homem que assoviava  
Uma canção de esperar.  
Ora terra, ora riacho  
Ora festa de reisado.  
Ora uma aldeiazinha humilde  
Com portas cor de campina.

E o homem estava espalhado  
Sobre o dia em movimento:  
Andando pelas areias

Pelos morros, pelas várgens  
Em velhos paus-de arara  
Ou a cavalo ou de trem.

E o dia virava meses  
E os meses faziam o tempo.  
E a estrada era longa  
E já tinha 50 anos.  
E muitas léguas de afetos  
E outras muitas de anseios  
E tantos abraços certos  
E outros tantos que não.

E cargas de dor e medo  
Sobre os sonhos prometidos  
Vividos enquanto eram tidos  
Cumpridos menos que mais.

E eu fui chegando  
    Chegando  
E fui pisando aquele chão  
E o homem era chão e sonho  
E sobre ele sou  
Pés e paixão.  
E amálgama da vida e da morte  
Sou mais vida  
Sou o homem espalhado  
No espanto do dia. Sou.

E eu que pensei que era triste  
Folha amarela no vento:  
Me vi abrindo as gaiolas  
Numa tarde de canários.

E eu que pensei que era pedra  
Dor granítica e irremediável:  
Descobri-me com estas asas  
Me avisando pra voar.

E eu que pensei que era cinza  
Tarde de chumbo e de morte:  
Estou pintando o arco-íris  
Com as substâncias da alma.

E eu que pensei que era velho  
Alvorço acomodado:  
Me vi metido em namoros  
E jogando loterias.

E eu que pensei que era pobre  
Sem pano, agulha e novelo:  
Tenho mais vozes que o vento  
Tenho mais braços que o polvo  
E o ombro azul da cidade  
Para as falas da esperança.

E eu que pensei que era noite  
Crepe e naufrágio sem fim:  
Me vejo em cristais de sol  
Incandescentes de mim.

E eu que pensei que era só,  
Um só, jogado no chão:  
Sou mil pedaços de cor  
Sou muitos, sou multidão.

Sobre o delírio do dia  
Me escondo  
Há 50 anos  
Do destino fugaz  
Do barro de Prometeu.  
Vivo  
da paixão do vôo.  
E da vida  
Que esta paixão me deu.